

Classificação Decimal de Freire (CDF) com cores: projeto de um sistema de Classificação Decimal Inclusiva (CDI) com vistas à inclusão de jovens leitores em bibliotecas

Alan Freire de Lima
alanlinguist@gmail.com

Recebido em: 16/04/26

Aceito em: 31/05/26

Resumo

Objetivo: Apresentar e descrever o projeto da elaboração da Classificação Decimal de Freire (CDF), cujo sistema classificatório bibliográfico aqui idealizado foi inspirado na Classificação Decimal de Dewey (CDD). **Metodologia:** O método empregado é teórico propositivo com revisão bibliográfica e aporte teórico da ciência da informação, educação e das ciências sociais. **Resultados:** A adoção de um sistema numérico decimal com dois modelos, o primeiro modelo com a adoção da CDD com esquema classificatório de 000 a 900 ao acervo principal, juntamente com o sistema da classificação CDF de 0,000 a 0,900, com cores a ser usado em um acervo distinto do acervo de uma coleção infantojuvenil; o segundo modelo tem como objetivo utilizar somente o sistema classificatório CDF de 0,000 a 0,900 no acervo adulto ou principal, possibilitando o emprego adaptado do sistema classificatório CDF com a anteposição da letra "i" de i0,000 a i0,900. **Recomenda-se** adicionar cores distintas e padronizadas atribuídas a cada assunto mais genérico e em suas subdivisões para facilitar a organização e localização da informação. **Conclusão:** A representação temática com um ou mais sistemas de classificação deve suprir às especificidades distintas de cada tipo de acervo, bem como dos seus leitores.

Palavras-chave: sistemas de classificação; teoria da classificação; representação do conhecimento; organização do conhecimento.

Freire's Decimal Classification (CDF) with colors: project of an Inclusive Decimal Classification (CDI) system with a view to including young readers in libraries

Abstract

Objective: To present and describe the project to develop the Freire's Decimal Classification (CDF), whose bibliographic classification system designed here was inspired by the Dewey Decimal Classification (CDD). *Methodology:* The method used is theoretical and propositional with a bibliographical review with theoretical input from information science, education science and social sciences. *Results:* The adoption of a decimal numerical system with two models, the first model with the adoption of the CDD with a classification scheme from 000 to 900 for the main collection, together with the CDF classification system from 0,000 to 0,900 with colors to be used for a different collection such as the collection of a children's collection; *The second model*



aims to use only the CDF classification system from 0,000 to 0,900 for the adult or main collection, enabling the adapted use of the CDF classification system with the preposition of the letter "i" from i0,000 to i0,900. It is recommended to add distinct and standardized colors assigned to each more generic subject and its subdivisions to facilitate the organization and location of information. Conclusion: Thematic representation with one or more classification systems must meet the distinct specificities of each type of collection, as well as its readers.

Keywords: *classification systems; classification theory; knowledge representation; organization of knowledge.*

1 INTRODUÇÃO

A classificação bibliográfica e a organização física dos itens no espaço das bibliotecas escolares, bem como em acervos híbridos como as bibliotecas públicas que possuem acervo adulto e infantojuvenil, sempre representaram um desafio aos profissionais bibliotecários.

Todas as bibliotecas precisam atender aos princípios das cinco famosas leis de Ranganathan (1963, p. 9), que se tornaram o *ethos* da biblioteconomia: os livros são para serem usados; cada leitor tem seu livro; cada livro tem seu leitor; economize o tempo do leitor e, por fim, a biblioteca é um organismo em constante crescimento.

A metodologia empregada foi a teórica propositiva com revisão de literatura nos campos da Ciência da Informação, da Ciência da Educação e das Ciências Sociais.

Mais à frente apresentaremos os alicerces conceituais e teóricos do sistema de classificação bibliográfica decimal elaborada por Mevil Dewey, a Classificação Decimal de Dewey (CDD), que em certa medida inspirou à realização do presente estudo e do projeto de um sistema de classificação decimal complementar como ferramenta para classificação de acervos distintos como os infantojuvenis. O projeto é em si um Sistema de Classificação Decimal Informacional Híbrido (SCDIH), ao mesmo que pode ser entendido como uma Classificação Decimal Inclusiva (CDI), pois se propõe a ser adaptada às necessidades de públicos específicos, notadamente o público infantojuvenil, que possui características inerentes a sua faixa etária que se reflete em um acervo com características distintas da coleção adulta. Denominamos tal sistema classificatório decimal elaborado por nós de Classificação Decimal de Freire (CDF), associando cores padronizadas e distintas às dez superclasses estruturadas, bem como manter as mesmas cores às respectivas subdivisões em subclasses subordinadas hierarquicamente a cada superclasse do sistema de classificação decimal aqui idealizado, a CDF.

A CDF aqui proposta não se limita a um sistema exclusivamente complementar, trata-se de um sistema de classificação decimal autônomo e independente, que pode ser empregado como no primeiro modelo proposto como um sistema de classificação decimal complementar a um sistema já existente na biblioteca, como a CDD (estruturada na forma decimal de 000 a 900) para o acervo geral ou adulto, mais a CDF (estruturada na forma decimal de 0,000 a 0,900) com cores, para acervos distintos e específicos como no caso dos acervos infantojuvenis, facilitando desta forma, a organização, a busca, a localização, recuperação e o arquivamento da informação, e mais do que isso, com a associação de cores às superclasses e as suas respectivas subclasses, facilitando aos pequenos consulentes não alfabetizados e aos pequenos leitores em processo de alfabetização a relacionar os assuntos de seu interesse às cores conferidas aos assuntos de cada superclasse do sistema classificatório, sendo que a cor é um dos elementos que a criança começa a aprender a distinguir na mais tenra idade.

Já o segundo modelo proposto no projeto da CDF, revela como a CDF é um sistema classificatório decimal flexível, permitindo empregá-lo a um acervo principal ou adulto com o mesmo sistema decimal de 0,000 a 0,900, possibilitando aproveitar ou adaptar a CDF para coleções infantojuvenis. Para tanto, deve-se antepor ao sistema decimal da CDF a letra "i" de infantojuvenil, ficando o sistema classificatório decimal da CDF adaptado e inclusivo da seguinte

forma: de i0,000 a i0,900 com cores distintas e padronizadas para cada superclasse, mantendo obrigatoriamente as mesmas cores atribuídas a cada superclasse às suas respectivas subdivisões em subclasses da CDF.

É possível incrementar a este sistema ícones ou imagens junto as cores que representem o assunto de cada superclasse e em suas subdivisões para aquelas crianças que apresentam alguma dificuldade para identificar cores, ficando a critério de cada bibliotecário padronizar um sistema imagético para adicionar a CDF com cores.

2 METODOLOGIA E REFERENCIAL TEÓRICO

O presente estudo utilizou a metodologia teórico propositiva. Foi empregada, concomitantemente, uma revisão de literatura da “teoria da classificação bibliográfica”. A pesquisa contou com publicações datadas de 2004 a 2026, com exceção de Ranganathan (1963), com teorias alicerçadas em teóricos de destaque no campo da Ciência da Informação (CI) como Almeida e Dias (2023), Araújo e Souza (2012), Caprioli, Carvalho e Silva (2024), Castrillón (2011), Hjørland (2025), Lancaster (2004), Lessa (2020), Melnyk (2025), Moreira (2025), Nunes e Tálamo (2009), Pinheiro (2017), Silva e Fujita (2004), Silva e Caldas (2022), Souza (2020), Sales (2017) Terra, Fujita e Lacruz (2016), Varão e Oliveira (2024), Vogel e Pazos (2024), dentre outras fontes informacionais.

Ao longo desta pesquisa observou-se que os autores, de forma geral, dialogam com as mesmas concepções relacionadas às bibliotecas híbridas e acervos mistos compostos por informações em suportes impressos e digitais. Nós apresentamos uma nova abordagem no que tange aos acervos mistos, ou com coleções distintas.

A representação temática da informação e da organização do conhecimento, bem como as especificidades e complexidades tanto do público como do acervo, deve ser representado e organizado, em consonância às necessidades de tal público, em especial os que estão iniciando o processo de leitura e letramento.

Os espaços das bibliotecas públicas e escolares, com coleções distintas entre si, representam um desafio constante aos profissionais bibliotecários.

O objetivo desta pesquisa científica é apresentar e descrever um sistema classificatório: a Classificação Decimal de Freire, para acervos com coleções distintas e específicas para respaldar o trabalho dos profissionais da informação, bem como facilitar a busca da informação pelos leitores alvo para cada coleção da biblioteca, como elemento basilar de um sistema de classificação para a organização de volumes distintos no acervo em espaços exclusivos para cada volume da biblioteca.

Trata-se de uma classificação decimal inspirada na CDD. A superclasse do assunto literatura na CDD é representada pela notação de 000 a 900, a título de exemplo: a superclasse 800 que representa o tema literatura, que na classificação decimal da CDF é distinta desta última com o acréscimo do número 0 antes da vírgula, seguida do restante da numeração decimal, como, por exemplo, a superclasse literatura na CDF possui representação temática da superclasse literatura com a seguinte notação 0,800.

Assim sendo, visualmente perceptível, a diferença entre ambas as classificações decimais, evita confusão tanto para organizar, disponibilizar, localizar e arquivar os itens informacionais com maior efetividade e eficácia no espaço destinado ao acervo infantojuvenil em bibliotecas públicas e bibliotecas escolares (BE).

Caso o bibliotecário classificador queira adotar somente o sistema classificatório da CDF de 0,000 a 0,900 para o acervo adulto ou geral, pode adotar o mesmo código classificatório da CDF por assunto. Já ao acervo infantojuvenil deve obrigatoriamente aplicar a seguinte adaptação: antepor a letra “i” de infantojuvenil às classes gerais e em suas respectivas subclasses de i0,000 a i0,900, com cores distintas e padronizadas para cada superclasse, bem como manter a mesma cor para cada subclasse hierarquicamente subordinada à respectiva superclasse.

Este sistema de classificação bibliográfico possui a vantagem de poder ser utilizado em qualquer tipo de acervo e, especificamente, ser utilizado para distinguir os volumes infantojuvenis do acervo geral, facilitando a sua organização, busca, localização e o arquivamento dos documentos, em espaços físicos distintos destinados a cada coleção do acervo.

Para obtermos o maior número possível de trabalhos e pesquisas sobre sistemas de classificação bibliográficos adaptados para acervos infantojuvenis, utilizamos as terminologias ou descritores para efetuar a pesquisa nesta temática: “classificação bibliográfica”, “classificação adaptada para acervos infantojuvenis”, “organização de acervos em bibliotecas escolares”, “sistema de classificação bibliográfica para bibliotecas escolares”, “adaptação de sistemas de classificação para bibliotecas escolares”, “Bibliotecas híbridas”, “Acervos híbridos”, “Teorias da Classificação” e “Representação temática”, em periódicos de Biblioteconomia e Ciência da Informação, como nos periódicos Biblioteca Escolar em Revista da USP, Revista Transinformação da PUC Campinas, base de dados em Ciência da Informação e Biblioteconomia Brapci, Base de Dados Teses e Dissertações – BDTD da USP, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia - IBICT, Google Scholar e da Scientific Electronic Library Online - SCIELO.

Em relação aos resultados das buscas nas bases de dados e periódicos sobre os temas “Teorias da Classificação”, “Bibliotecas Híbridas”, “Acervos mistos”, “Representação Temática”, “adaptação de sistemas de classificação para bibliotecas escolares”, etc., embora a quantidade de estudos nesta temática ainda seja ínfima em relação a sua relevância, foram selecionados alguns estudos para a tessitura deste estudo, que pode ser verificado ao longo desta pesquisa e nas referências.

O resultado sobre este subtema que é ainda mais específico que bibliotecas escolares, os itens que conseguimos recuperar foi ínfimo, há pouquíssimos estudos sobre tipos de classificação para coleções infantojuvenis, inexistência de criação de sistemas de classificação para acervos infantojuvenis ou muito pouco sobre adaptação de sistemas de classificação para acervos com coleções específicas e distintas, com os volumes infantojuvenis.

Ao analisarmos os conteúdos dos documentos, tivemos que eliminar boa parte, devido a não pertinência ao nosso estudo, apesar de termos citados alguns estudos com boa base teórica sobre teorias da classificação e bibliotecas escolares, no entanto, as teorias, os projetos e sistemas propostos por serem “um manejo” ou sub uso de sistemas classificatórios existentes como a CDD e a CDU, não encontramos a criação de qualquer sistema de classificação decimal construído do zero a um sistema com pelo menos uma estrutura de classificação com as principais classes genéricas ou categorias e algumas subclasses com cores já prontas, pelo menos como um projeto propositivo teórico como o nosso aqui idealizado e apresentado.

É importante informar que este estudo trata de uma criação inédita. O ineditismo é notório em um sistema de classificação bibliográfica decimal, que já está estruturado com as superclasses e algumas subclasses de cada superclasse com cores distintas e padronizadas para cada classe mais geral, contudo é perene o desenvolvimento das subdivisões das superclasses, não obstante, o presente sistema já pode ser aplicado. Todavia neste primeiro instante, nos limitamos a restringir a presente pesquisa no âmbito teórico propositivo, portanto não se propõe em um primeiro momento um estudo empírico aplicado em bibliotecas, embora a sua potencialidade e êxito sejam o nosso alvo.

3 CONCEITOS DE BIBLIOTECA HÍBRIDA E RESSIGNIFICAÇÃO DE HIBRIDEZ

Monteiro *et al.* (2006, p. 6) afirmam que as bibliotecas híbridas são desdobramentos da transformação que os documentos físicos tradicionais sofreram, passando de uma versão em papel para o formato eletrônico, como os livros digitais e os periódicos eletrônicos.

Silva e Caldas (2022, p. 6) delimitam a biblioteca híbrida como a que mantém seus acervos físico tradicional e o acervo digital, utilizando a *web* como uma ferramenta a mais de entrega, acrescentando que os leitores podem ter acesso às informações eletrônicas, além da

disponibilização dos recursos físicos relevantes. Ou seja, a biblioteca se torna guardiã do acesso às informações em diversos formatos e suportes, como as fontes informacionais impressas e digitais.

Lessa (2020, p. 559) acentua que a inserção da biblioteca no ambiente virtual marca o momento no qual essa instituição milenar avança das suas restrições físicas e passa a coexistir, na imaterialidade física, aproveitando o ciberespaço para se comunicar com seus leitores.

Diante do exposto, percebe-se que os teóricos conferiram uma delimitação conceitual à terminologia “biblioteca híbrida”, restrita ao advento das plataformas digitais como disponibilizadora de jornais digitais, periódicos online, livros no formato e-book nas ambiências virtuais. Isto é, as bibliotecas híbridas são entendidas como instituições que detêm e disponibilizam a informação tanto em suporte físico impresso, assim como no suporte digital.

Uma ressignificação do conceito de biblioteca híbrida ou de acervos mistos, se faz premente, pois as coleções e volumes que compõem um acervo bibliográfico, podem ser muitas vezes diversos e complexos.

Uma das funções mais relevantes das bibliotecas na sociedade está além da disponibilização de seus serviços, mas na projeção do seu espaço a uma diversidade de tipologias de coleções em seu acervo físico, como as coleções e volumes de bibliotecas públicas que podem abrigar volumes para o público adulto, assim como coleções voltadas ao público infantojuvenil, estas últimas, sem dúvida englobam coleções de quadrinhos, gibis, literatura infantil, livros-brinquedo etc.

A biblioteca pode ser multifuncional como um lugar de opinião pública, de cultura, de encontro, de estudos, de pesquisas, aberta, acessível, inclusiva e amigável, sendo relevante o seu aspecto atrativo, agradável, acolhedor, confortável e convidativo à leitura.

Delineamos uma concepção de “biblioteca híbrida” sob outro prisma, como um espaço, que oferta serviços e ações, um ambiente de todos e para todos, envolvido constantemente com a comunidade, que por sua natureza é diversa, especialmente as bibliotecas públicas que, para atender de forma eficaz a sua comunidade de leitores, as coleções têm que passar por um tratamento técnico e organizacional adequado a cada tipo de volume para que ela possa atender às necessidades informacionais e na maneira da organização da informação no espaço da biblioteca, logo cada tipo de volume tem o seu público leitor.

A representação temática e a organização do conhecimento dos volumes do acervo da biblioteca, os profissionais da informação devem se ater aos itens informacionais de forma adequada e especializada, conforme o caso, para tanto a biblioteca precisa de um sistema classificatório adequado que leve em conta tanto a coleção para o público adulto e geral. Assim, como precisa de um sistema classificatório adaptado que preveja a coleção infantojuvenil a ser tratada de forma distinta e adaptada às necessidades informacionais, de acesso inclusivo, convidativo e amigável, como forma de manter os pequenos leitores neste ambiente educativo, cultural e informacional, cujo acervo documental está condensado nas bibliotecas públicas e escolares, por exemplo.

Neste panorama, este estudo visa potencializar a discussão sobre a tipologia de volumes que são encontrados nos acervos das bibliotecas públicas e escolares.

O eixo da presente pesquisa envolve uma reflexão no que concerne a idealização de um sistema de classificação bibliográfica decimal adaptada às coleções de acervos com volumes distintos destinados à públicos diferentes.

As coleções e os volumes que são destinados à públicos específicos precisam de um tratamento temático e organizacional de modo apropriado, adequado e adaptado às características distintas das próprias coleções e volumes, bem como para atender forma mais inclusiva, possibilitando o acesso à informação de modo mais acessível e preciso aos diversos públicos distintos entre si, ao quais abrangem uma ampla faixa etária e diferenças nas habilidade de pesquisar, buscar, encontrar e usar a informação nos acervos das bibliotecas.

Talvez a terminologia apropriada para este estudo seja mais “acervos mistos” do que bibliotecas híbridas, pois a literatura da Ciência da Informação (CI), conceitua “bibliotecas híbridas” como a informação registrada seja em suporte impresso ou digital.

Entretanto, nesta pesquisa abordamos mais a questão da distinção entre tipologias diversas de coleções que as bibliotecas contemplam, especialmente em bibliotecas públicas e em bibliotecas escolares.

Silva e Caldas (2020, p. 50) argumentam que a biblioteca tradicional é definida por estar situada em um local específico, com coleções finitas, informações tangíveis e geograficamente limitadas. Na biblioteca automatizada, ferramentas digitais se referem às mídias não digitais, conquanto o foco se mantenha na coleção física ou local.

As autoras certificam que as formas de tratamento e obtenção de informação e tecnologias, em acervos híbridos, precisam acompanhar as transformações que a sociedade apresenta e exige, o que remodela o papel do bibliotecário e dos usuários, os quais são definidos pelas teóricas como bibliotecários e usuários híbridos.

Percebemos novamente que a definição de bibliotecas híbridas e usuários híbridos se limitam a dualidade, biblioteca híbrida ou acervo misto, ou seja, a relevância conceitual se situa no suporte informacional (impresso e digital).

A nosso ver a hibridez do acervo, ou acervos mistos, podem ser ressignificados, ao pensá-los sob a ótica das tipologias de coleções e volumes às quais as bibliotecas são constituídas. Ou seja, em uma biblioteca com um acervo geral e uma coleção de obras raras, ou uma biblioteca pública com acervo adulto ou geral e que possua um acervo infantojuvenil, utilizaremos esta terminologia (acervo híbrido ou misto) sob este outro ângulo, que compreende acervo híbrido ou misto como coleções ou volumes diferentes e para públicos distintos.

Essa ressignificação da denominação de biblioteca ou acervo híbrido, no sentido de bibliotecas com coleções e volumes específicos, cujo novo significado se adequa ao estudo aqui realizado sobre o tratamento diferencial ao acervo infantojuvenil que deve ter em relação ao acervo geral ou adulto.

4 TEORIAS DA CLASSIFICAÇÃO E DA REPRESENTAÇÃO TEMÁTICA

Desde os primórdios, a humanidade se preocupava em registrar todo o conhecimento por ela produzida. Esta maneira de registrar evoluiu dos blocos de argila até o registro, armazenamento e difusão de dados em uma rede digital.

Consoante Cunha (1986, p. 108) a terminologia bibli(o), de *biblion*, diminutivo de *biblos* ‘livro’ em que se documenta alguns elementos compostos formados do próprio grego, como bibliografias, palavra esta adotada na linguagem erudita. Já o verbete biblioteca vem do francês como *bibliothèque*, derivado do latim *bibliothēca* e, este do grego *bibliotheke*. E curiosamente bibliotecário vem do latim *bibliothecarius*

Segundo Souza (2005, p. 3) a palavra biblioteca é originária do grego *bibliotheke*, que chegou até nós através do verbete *biblioteca* oriundo do latim, derivada dos radicais gregos *biblio* e *teca* que, respectivamente significam livro e coleção ou depósito.

Na antiguidade as bibliotecas não eram homogêneas em variados aspectos, cujas diferenças entre elas se davam conforme o tipo de suporte que fazia parte de seu acervo. Primeiramente, há as bibliotecas minerais e, posteriormente, as bibliotecas vegetais e minerais. Nessa época, as bibliotecas não tinham um caráter público e serviam apenas como um depósito para armazenamento de livros, configurando-se mais como um local em que se escondiam os livros do que um lugar para preservá-los e difundi-los.

De acordo com Santos (2012, 176), as formações e estruturas arquitetônicas dos edifícios das bibliotecas almejavam impedir a saída ou a circulação do acervo. Os acervos dessas bibliotecas eram organizados em armários com divisórias e arrumados um ao lado do outro, contendo etiquetas visíveis indicadoras dos títulos, existindo, assim, um trabalho biblioteconômico.

Santos (2012) salienta que a reunião das obras em grande número em determinado espaço ajudava, de fato, mais a destruição que a preservação, e a maior parte das coleções que sobreviveram pertenciam a pequenas coleções particulares.

Até a atualidade, é difícil determinar a quantidade de obras que se foram em incêndios e catástrofes, devido estarem reunidas em grandes quantidades em um único lugar. Dentre as mais relevantes bibliotecas da antiguidade pode-se mencionar a de Nínive, a de Pérgamo, as gregas, as romanas e, sobretudo, a biblioteca de Alexandria, a mais conhecida e importante do mundo antigo. Segundo Santos (2012), apesar da importância e grandiosidade de muitas bibliotecas, nenhuma biblioteca da antiguidade sobreviveu.

Paulo Rónai (1985, p. 105) em seu dicionário universal “nova fronteiras de citações” mostra como alguns grandes nomes da literatura e da erudição configuram a imagem da biblioteca, refletindo a visão cultural e intelectual de cada época e teórico.

Minha biblioteca – era ducado suficiente para mim. (My library – was dukedom large enough). Skaespeare (1564-1616). A tempestade Ato 1. Palavras Próspero. “Sabendo que eu amava meus livros, trouxe-me – Da minha própria biblioteca, volumes – que me são mais caros que o meu ducado” (Knowing that I loved my books, he furnished me – From my own library volumes that – I prize above my dukedom) (Rónai, 1985, p. 105)

Em síntese, etimologicamente, a palavra biblioteca significa mais exatamente depósito de livros. Todavia, no sentido contemporâneo, a palavra biblioteca não deve apenas se referir a depósito de livros, mas sim a toda e qualquer compilação de dados registrados em diversos suportes, seja em meio físico, eletrônico, digital ou virtual. Além disso, caso o acervo esteja em meio digital ou virtual, o conceito de biblioteca se amplia e a disponibilização e o acesso ao acervo e serviços da biblioteca pode ser universal.

Santos (2012, p. 177) revela que uma das bibliotecas mais imponentes da antiguidade foi a de Nínive, pertencente ao Rei Assurbanípal II e, a ela, esse soberano dedicou muita atenção, dotando-a de enormes recursos.

Santos (2012) explica que o acervo da biblioteca era documentado em blocos de argila cozida e escrita em caracteres cuneiformes que remontam o século IX a.C; as placas eram classificadas por assuntos e identificadas por marcas que determinavam sua localização dentro da coleção. Existia ainda uma espécie de catálogo onde se registravam as grandes diversidades de assuntos. A biblioteca de Nínive pode ser considerada, ou conhecidamente como a primeira coleção indexada e catalogada da história.

Analde (2009, p. 91) mostra que o sistema aristotélico de classificação emergiu pela necessidade de contemplar e expressar a realidade de forma organizada e precisa. Para tanto, tal sistema buscou a identificação e a instituição de conceitos basilares que orientassem os agrupamentos e as partições do real operado pelo pensamento humano, isto é, de categorias primordiais.

Essa invenção aristotélica do filósofo grego, no que se relaciona à função das categorias na organização e na classificação do conhecimento existente, revela-se, ainda hodiernamente, como relevante objeto de estudo para fundamentar e compreender a teoria da classificação.

Andrade, Bruna e Sales (2011, p. 33-34) desvelam que a primeira classificação que se tem conhecimento foi a de Aristóteles na antiguidade clássica, que foi o antecessor no tratamento de arranjos de livros e do processo de classificação do conhecimento humano sob as bases filosóficas. Aristóteles empregava três aspectos para classificar os saberes: “ausência ou presença do homem nos seres investigados, imutabilidade e modalidade prática, ou seja, Teóricos: Filosofia e Matemática, Produtivos: Arte e Literatura e Práticos: Ciências Sociais e Exatas”.

A classificação de Aristóteles refere-se à existência da oposição dos objetos em gênero e espécie, discorrendo de uma hierarquia conceitual que estabelece uma temática geral em espécies a partir do uso de uma característica classificatória.

Aristóteles (2020, p. 13-16) utiliza a terminologia predicar, como um modo de classificar ou para categorizar as coisas, por exemplo: o pensador menciona predicado de “homem” como predicado de um homem. Além disso, deste ou daquele homem pode-se predicar “animal” também, visto que um homem é tanto “animal” quanto “homem”.

Aristóteles quer dizer com isso que, nos casos em que os gêneros são subordinados, nada os impede de possuir as mesmas diferenças, pois predica-se os gêneros mais elevados ou maior dos gêneros inferiores ou classe, subordinada. Portanto, as diferenças ou distinções do predicado pertencerão outrossim ao sujeito.

Predicado para Aristóteles é aquilo que se atribui a um sujeito, por exemplo: Alan é um bibliotecário e cientista. Isto é, o predicado é um estado, ação, característica, propriedade ou qualificativo referente ao sujeito. É de suma relevância distinguir o termo predicado do termo categoria, o predicado é um atributo conferido a um sujeito, que é um conceito lógico e linguístico, compreendido como a maneira de dizer.

Aristóteles estabeleceu categorias a um sistema que, fundado por ele em dez classes fundamentais, onde tudo o que há no mundo pode ser dividido. Essas categorias são compostas por dez classes que tem por objetivo representar tudo que há no mundo que possa ser dividido em substância, quantidade, qualidade, relação, lugar, tempo, posição, estado ou condição, a ação e a paixão como podemos visualizar melhor a seguir:

Cada uma das palavras ou expressões não combinadas significa uma das seguintes coisas: o que (a substância), quão grande, quanto (a quantidade), que tipo de coisa (a qualidade), com o que se relaciona (a relação), onde (o lugar), quando (o tempo), qual a postura (a posição), em quais circunstâncias (o estado ou condição), quão ativo, qual o fazer (a ação), quão passivo, qual o sofrer (a paixão) (Aristóteles, 2020, p. 16).

Pelo visto, percebemos que a tentativa e a busca pela classificação de todas as coisas que existem, foi algo pensado e perseguido desde a antiguidade com a civilização grega antiga. Tal busca, possivelmente, tenha sido a primeira tentativa para reunir características semelhantes em categorias ou classes.

Demais tentativas de organizar o conhecimento foram feitas no século XIX, destacadamente pelos pensadores Bacon e Harris. A seguir mostraremos de forma bem sucinta as classes principais do conhecimento que foram estruturadas por ambos os pensadores (Quadros 1 e 2).

Quadro 1 - Classes do esquema de Bacon

HISTORY
A Natural history
B Civil history
C Appendix to history
POETRY
A Narratice or Heroic
B Dramatic
C Allegorical. Fables, Mithologies
PHILOSOPHY
A Theology or divine Philosohy

B Natural Phylosophy

C Phylosophy of Man

Fonte: Sales (2017).

Quadro 2 - Contornos da Classificação de Harris

Outlines of classification		
A. SCIENCE	Science and political sciences	Philosophy
		Theology
		Jurisprudence
		Politics
		Social Science
		Phylology
		Natural acienes and useful arts
Physics		
Natural history		
Medicine		
Useful arts		
B. ART		Fine arts
		Poetry
		Prose fiction
		Literary miscelany
C. HISTORY		Geography and travels
		Civil History
		Biography
D. APPENDEIX		Appendux miscelany

Fonte: Sales (2017).

Sales (2017, p. 198-200) mostra que a influência de Bacon na classificação de Harris foi manifestada pelo próprio autor em seu artigo datado no ano de 1870. De Bacon, Harris não se inspirou apenas no princípio de ideia formativa e estruturante, que tencionava organizar o conhecimento em conformidade com as faculdades mentais, bem como a crença de que os fenômenos ou as coisas existentes possuíam uma disposição e uma dinamicidade capazes de ser capturadas formalmente. Para Bacon, os fenômenos naturais eram compostos por duas faces.

Sales (2017, p. 201) evidencia que, do século XV ao século XVIII, pensadores como Poliziano (1454-1494), Nizolio (1498- 1556), Huarte (1535-1592), Bacon (1561- 1626) e Hegel (1770-1831), se esmeraram para organizar o conhecimento de uma maneira fortemente influenciada pelo princípio de divisão tripartitivo de Aristóteles.

O autor acrescenta que se pode citar, ainda, Descartes (1596-1650), Hobbes (1599-1679), Locke (1632-1704), Leibnitz (1646-1715), Benthan (1748-1832), Ampère (1775-1836), Comte (1798-1857), Stuart Mill (1806-1873), Spencer (1820-1903) e Wundt (1832-1920), como autores de classificações que propunham uma ordem lógica para o conhecimento, definindo, assim, diferentes óticas classificatórias.

Contudo, foi na segunda metade do século XIX que a classificação deixou de ser estritamente científica ou filosófica e passou a desempenhar seu papel mais aplicado de organização da informação, isto é, dar ordem aos conhecimentos materializados, servindo de alicerce para a organização de acervos de bibliotecas e a conseqüente localização de livros.

Nos Estados Unidos da América, William Torrey Harris, Melvil Dewey e Charles Ammi Cutter, dentre outros, começaram a empenhar esforços na organização sistemática dos assuntos existentes nos livros das bibliotecas.

O trabalho William Torrey Harris (1835-1909) que foi um educador, filósofo e lexicógrafo americano, teve uma significativa influência e impacto nos estudos e, posteriores aplicações e experiências práticas em bibliotecas americanas, como o bibliotecário, editor e pesquisador Melville Louis Kossuth Dewey (851-1931), o criador da Classificação Decimal de Dewey com o seu sistema classificatório decimal estruturado inicialmente em 10 superclasses que classificava todo o conhecimento humano em dez superclasses.

Ao mesmo tempo, na Europa, Paul Otlet e Henri La Fontaine empregaram esforços na organização de informações bibliográficas de documentos das mais variadas formas. Em 1870, o filósofo e educador norte-americano William Torrey Harris (1835-1909), propôs um sistema de classificação inspirada em Bacon, que seria fundamental para a concepção e elaboração do primeiro esquema de classificação bibliográfica de alcance reconhecidamente internacional, a Classificação Decimal de Dewey.

Embora Harris seja eminentemente reconhecido nas áreas da filosofia e da educação, tanto nos Estados Unidos da América como em outros países, na Biblioteconomia e nos estudos de organização do conhecimento o nome de Harris tem figurado apenas como o criador da classificação que influenciou a classificação de Mevil Dewey, a CDD. E pouca investigação, tem se ocupado em analisar a classificação de Harris.

É curioso que a divisão em categorizações sobre todas as coisas existentes em dez classes principais vem da antiguidade, perpassando gerações de pensadores culminando em Bacon, Harris e Mevil Dewey, especialmente, e que se consumou com o esquema da CDD, e a da CDF inspirada na CDD propriamente dita, elaborada também em dez classes principais sobre as coisas existentes, ou sobre a organização do conhecimento vigente.

A CDD, CDU e CDF (ou CDI), são classificações estruturadas com números decimais com dez principais classes, as superclasses, de forma hierárquica e subordinada em subclasses de cada superclasse dos sistemas de classificação decimal elaborados na contemporaneidade.

Varão e Oliveira (2024, p. 4) explicitam que há quatro sistemas de classificação bibliográficas mais conhecidos e amplamente utilizados, que são os da *Library of Congress Classification* (LCC), Classificação Decimal de Dewey (CDD), Classificação Decimal Universal (CDU) e a Classificação Facetada de Ranganathan. Estes sistemas de classificação são os que têm uma maior envergadura de aplicabilidade em bibliotecas ao redor do planeta e que cumprem o objetivo voltado à organização do conhecimento.

Vogel e Pazos (2024, p. 5) certificam que antes da CDD os livros eram alocados numa posição fixa nas estantes nas bibliotecas, sendo que novas aquisições de um mesmo assunto eram armazenadas distantes umas das outras, seguia uma espécie de “ordem de aquisição” ou obrigavam a uma onerosa (no que tange ao custo e tempo) reedição do catálogo.

As bibliotecárias autoras Vogel e Pazos (2024) mostram que, com a organização do conhecimento proposta pela CDD com o objetivo de localização relativa, foi possível reunir livros em conformidade com conteúdo temático, independentemente do momento da aquisição da obra. Logo, se um leitor buscasse todos os itens na coleção de uma biblioteca sobre a temática borboletas, o localizaria juntos em um único lugar da estante da biblioteca.

Dessa maneira, Dewey revolucionou a ordenação dos documentos nas bibliotecas, otimizando a velocidade no atendimento aos leitores no processo da retirada e devolução dos materiais. Igualmente, a CDD proporcionou classificar todo o conhecimento humano por

disciplinas, portanto, possibilitando ser empregado em bibliotecas de qualquer natureza, tipologia e/ou especialidade.

Hjørland (2025, p. 11) em seu artigo descreve a história da classificação hierárquica da CDD, esta última consiste em dez superclasses, cada qual é subdividida em dez subclasses (algumas das quais podem não estar atribuídas), cada uma das subclasses, por sua vez, é dividida em dez subclasses, e assim sucessivamente. Na 23ª edição da CDD, as dez superclasses ou as mais abrangentes podem ser visualizadas no Quadro 3:

Quadro 3 - Classes genéricas (superclasses) da CDD

CDD	
000	Obras Gerais
100	Filosofia e Psicologia
200	Religião e Mitologia
300	Ciências Sociais
400	Linguagem
500	Ciências Puras
600	Ciências Aplicadas e Tecnologia
700	Artes e Recreação
800	Literatura
900	História e Geografia

Fonte: Hjørland, (2026).

A Classificação Decimal Universal - CDU, é uma classificação desenvolvida pelos belgas Paul Otlet e Henri La Fontaine, este sistema classificatório foi inspirado na CDD, cuja estrutura é semelhante é dividida em 10 superclasses; no entanto a superclasse 4 é vaga, não é utilizada. A CDU subdivide o conhecimento do geral ao específico, igualmente como ocorre com a CDD.

No caso da CDU há algumas particularidades, não alterando a estrutura decimal básica e as classes principais da CDD, a CDU contribuiu com a expansão com sinais e tabelas auxiliares para uma classificação mais detalhada e facetada.

Ambas as classificações decimais, dividem o conhecimento em 10 classes principais (superclasses). A CDU representa cada assunto, exemplificando com a classe geral “Filosofia e Psicologia” com a superclasse com um único dígito decimal (1), já a CDD representa as superclasses com três dígitos decimais para o mesmo assunto mais geral “Filosofia e Psicologia” ficaria representado desta forma (100). No Quadro 4 podemos verificar as classes gerais (superclasses) da CDD e CDU:

Quadro 4 - Comparação das classes gerais da CDD e CDU

CDD	CDU
000 Generalidades	0 Generalidades
100 Filosofia e Psicologia	1 Filosofia e Psicologia
200 Religião e Mitologia	2 Religião e Mitologia
300 Ciências Sociais e Cultura	3 Ciências Sociais e Cultura
400 Linguística e idiomas	4 (VAZIA – SEM USO)
500 Ciências Puras	5 Ciências Puras
600 Ciências Aplicadas	6 Ciências Aplicadas

700 Artes e Lazer	7 Artes e Lazer
800 Literatura	8 Linguística, Idiomas e Literatura
900 História e Geografia	9 História e Geografia

Fonte: elaborado pelo autor (2026).

Lancaster (2004, p. 69) compreende que o cientista da informação durante o processo de identificar o assunto de determinado item informacional ao conferir-lhe um rótulo ou uma linguagem classificatória, que represente tal identificação do item informacional, que é a própria tradução codificada do assunto, é conceitualmente etapas de um mesmo processo, não importa se o rótulo foi retirado de um esquema de classificação, tesouro etc., quer o objeto em exercício seja organizar documentos em registros de catálogos de assuntos ou nas estantes das bibliotecas.

Portanto, percebe-se que o processo intelectual de identificar um assunto em um documento ou item informacional, constitui duas etapas fundamentais de um mesmo processo, isto é, a análise conceitual ou a identificação do assunto do item em questão e de realizar a sua tradução, que é a própria classificação, por meio de um código ou linguagem classificatória empregada, são elementos constituintes da classificação, a representação do conhecimento sob um sistema de códigos de um sistema empregado.

Silva e Fujita (2004, p. 136) nos mostram concepções sobre a representação temática, que remonta como uma atividade antiga, e que se tornou mais intensa com o aumento da produção de publicações de artigos e trabalhos científicos, a chamada explosão informacional.

Entretanto a evidência da “Documentação” como uma área científica se deu na década de 1960, concomitantemente, com o surgimento e desenvolvimento dos serviços de informação em campos do conhecimento especializados, a indexação e a elaboração de resumos empregados na construção de serviços bibliográficos para representar e recuperar documentos e informações.

Os teóricos mostram que há duas concepções de representação temática, a primeira é a análise documentária, na qual a indexação é entendida como um processo de representação documentária, cuja finalidade é pragmática, a recuperação da informação; a segunda concepção é a anglo-americana, a indexação é compreendida como a própria análise documentária constituída pelas mesmas etapas operacionais com o mesmo objetivo de representação do conteúdo informacional de documento ou à expressão do conteúdo de documentos à construção de índices.

Silva e Fujita (2004, p. 145) explicam que a indexação coordenada é um tipo de indexação que organiza o conhecimento humano em temas e subtemas de maneira hierárquica, em que a composição do assunto é realizada com a finalidade de representar o conteúdo informacional de um documento, em que o conteúdo substancial de um documento, juntamente com uma pergunta (simulação de uma pergunta por uma temática), pode ser representado com certa precisão, mediante a representação de descritores que estejam explícitos ou implícitos em um documento.

Araújo e Souza (2012, p. 120) explicitam que a representação temática tem como finalidade primordial “desconstruir” um item informacional para “reconstruí-lo”, que se efetua pela análise de conteúdo e indexação de um dado documento, estas atividades são indispensáveis para a análise conceitual e a sua tradução em termos e códigos de um sistema classificatório estruturado, utilizando como instrumento de trabalho as *linguagens de indexação* (categoriais e combinatórias) para o tratamento temático de documentos que se servem das linguagens de indexação.

Lancaster (2004, p. 69) mostra que o processo de indexação apresenta alguns desafios, que têm um caráter subjetivo, pelo fato de não ser objetivo, sofre com a questão de que duas pessoas possam divergir sobre a temática a qual determinada publicação trata, quais fatores

merecem ser levados em conta e, quais descritores possam representar com maior precisão o conteúdo informacional de dada publicação.

Rubi (2009, p. 86) explana que quando a indexação é feita de forma mais específica derivará, portanto, em uma recuperação com um grau de revocação menor e com um índice maior de precisão, isto é, mesmo resultando em um número reduzido de documentos, são exatamente estes que correspondem às perguntas de busca elaboradas pelo usuário.

Terra, Fujita e Lacruz (2016, p. 282) relatam por meio da análise de dados das linguagens de indexação utilizadas no Brasil e nas bibliotecas escolares portuguesas, que existe uma diferença significativa entre os dois países. Enquanto o uso da CDD prevalece no Brasil conforme 72,4% (n = 97) das respostas dos participantes, em Portugal quase todas as respostas (97,4%, n = 370) indicaram o uso da CDU. Além disso, os usos de outras linguagens de indexação só foram identificados em 4,7% (n = 18) das respostas, embora as autoras não mencionem detalhada e exaustivamente quais bibliotecas e quais sistemas utilizam.

Sem embargo, as autoras mostraram um caso muito interessante, que alguns participantes relataram usar uma classificação específica como o documento francês “Principes de Classement des Documents Musicaux - PCDM”, que é um sistema classificatório decimal especializado em música, ou seja, se restringe a temática musical, cujas classes genéricas de 0 a 9 são muito semelhantes com a organização da CDU (Quadro 5).

Quadro 5 - Principes de Classement des Documents Musicaux - PCDM

Principes de Classement des Documents Musicaux - PCDM	
Classe 0	Généralités, sciences et techniques musicales
Classe 1	Musiques d'influences afro-américaines (Jazz, Blues, Soul, Rap, Hip-hop, Reggae)
Classe 2	Rock et variétés internationales apparentées (Pop, Métal, Folk)
Classe 3	Musique classique / Musique savante occidentale
Classe 4	Musiques électroniques
Classe 5	Musiques fonctionnelles (ambiance, méditation)
Classe 6	Musique et cinéma (bandes originales)
Classe 7	Classe de décantation (musiques inclassables ou spécifiques)
Classe 8	Chanson francophone
Classe 9	Musiques du monde

Fonte: Elabora pelo autor (2026).

O PCDM não foi elaborado por uma única pessoa, mas sim de forma colaborativa com a participação de bibliotecários e discotecários franceses na década de 1980. Há um manual deste sistema disponível em PDF na internet, cujo sistema classificatório, possui subdivisões muito mais sucinta e simples do que a CDD ou a CDU. As autoras citam outros casos de adaptações simplificadas da CDU que foram igualmente desenvolvidas internamente em bibliotecas.

Já para Melnyk (2025, p. 111) a solução mais fundamental e, portanto, mais radical para a classificação hegemônica seria adaptar o próprio sistema de classificação, seja a nível global, regional ou local. Olhares críticos sobre os padrões dos sistemas classificatórios à organização do conhecimento não é novidade. Na revisão de literatura há referências às obras seminais de Sanford Berman e Foskett, ambas escritas há mais de cinquenta anos.

Melnyk (2025) expressa adaptação da CDD sob outro sentido de incluir temáticas e readequar os sistemas classificatórios hegemônicos como a CDD, que desde a década de 1930, os tópicos *Queer* (LGBQIA+) também oscilaram entre uma ampla variedade classificatória. Na 13ª edição da CDD de 1932, foram encontrados em 132 documentos sobre a questão *Queer*

categorizados como perturbações mentais e como psicologia anormal ou anomalias, cuja classificação é 159,9 na CDD.

Na 17ª edição CDD do ano de 1965, muitos profissionais mudaram a classificação deste tema para a notação 616.858 distúrbios neurológicos. Na 20ª edição da CDD do ano de 1989, mudaram a classificação do tema *Queer* para problemas e serviços sociais, onde foram intercalados com obscenidade e pornografia. Hodiernamente, a temática *Queer*, acompanhando os avanços científicos, políticas, sociais e culturais, foi alocada em orientação sexual e identidade de gênero com a seguinte notação 306.76.

Estas alterações manuais oficiais não significam que todos os materiais relevantes sejam imediatamente reclassificados e recolocados nas bibliotecas de todo o mundo, no entanto, apenas novas opções foram oficializadas. A reclassificação de materiais físicos pode ser um trabalho exigente, e é aqui que a iniciativa individual do bibliotecário é novamente necessária, questões culturais, religiosas e políticas de cada país ou região geográfica podem interferir no contexto e no processo do trabalho da representação temática do bibliotecário.

Boa parte dos estudos sobre criação ou adaptação de sistemas de classificação bibliográficas que realizamos, foram, em grande parte, adaptações da CDD ou da CDU, sejam iniciativas nacionais ou internacionais identificadas. O estudo mais aproximado ao objetivo da nossa pesquisa foi o demonstrado por Silva, Caprioli e Carvalho (2024) publicado no portal de revistas científicas da USP, no periódico Biblioteca Escolar em Revista, da Universidade de São Paulo (USP), que foi apresentado o uso de uma superclasse da CDD, nada mais que uma adaptação e uma superclasse da CDD para a organização do acervo infantojuvenil.

O empreendimento demonstrado por Araújo e Mendes no Centro Educacional Unificado (CEU) Cidade Dutra na zona sul da cidade de São Paulo, evidencia que há iniciativas locais no Brasil para organização das coleções infantojuvenis em seções temáticas, onde os livros são categorizados de acordo com a temática encontrada no conteúdo dos itens, uma forma de organização, em certa medida, independente da CDD. Esta última, mais voltada para coleções gerais.

A identificação dos itens se dá por ícones e trata-se de um sistema imagético e visual de classificação e organização da coleção, o que facilita a busca pelos leitores na mais tenra idade; o espaço para os volumes da coleção infantojuvenil é distinto da coleção geral, e cada seção temática é organizada de forma a reunir livros do mesmo assunto no mesmo local em caixas e prateleiras nas estantes da biblioteca.

A bibliotecária Maria Inês da Silva Pinheiro publicou uma obra de grande valor para a classificação de livros com o uso de cores, a obra está disponível *online* intitulada de “Guia prático de classificação em cores para bibliotecas escolares e infantis”, A autora utilizou uma classe da CDU, o código 087.5, que se refere a publicações infantojuvenis. Este código ou notação é utilizado por bibliotecários para classificar diversos suportes informacionais como livros, revistas e materiais didáticos ou recreativos voltados exclusivamente a esse público.

Observamos a estrutura da classificação CDU com cores da autora Pinheiro (2021, p. 57-59), porém notamos que a autora dividiu o acervo em dois componentes: o primeiro, infantojuvenil com 19 classes principais, e o segundo, chamado de “didático” que nada mais é que o “acervo geral” também com 19 classes principais, este esquema foi explicado nos anexos I e II do seu trabalho.

A nosso ver, o trabalho de Pinheiro (2021) e de Silva, Caprioli e Carvalho (2024), usaram os sistemas classificatórios decimais já existentes, a CDU e a CDD, respectivamente, porém utilizaram uma única classe a 087.5 da CDU com cores e a 800 da CDD “sem cores”, respectivamente, para representar o universo da produção do conhecimento humano ao público infantojuvenil. Ora, os sistemas adaptados por elas possuindo os seus méritos, contradizem de certa forma a totalidade proposta pela CDD e pela CDU, cujo objetivo é usar estes próprios sistemas na totalidade para realizar a representação de todo tipo de assunto do mais genérico ao mais específico. Por mais que seja uma adaptação, apresenta limitações e

delimitações práticas a serem aplicadas, isto é, o (re)aproveitamento de uma superclasse ou de uma subclasse de um sistema decimal já pronto, iniciando com o mesmo número decimal da classificação decimal da CDU ou da CDD, o que pode gerar confusão na busca e no arquivamento nos itens em coleções distintas. A nosso ver, este fator deve ser evitado.

As propostas descritas acima diferem do sistema classificatório decimal idealizados por nós, que trata da elaboração de um sistema classificatório decimal próprio e inovador, dividido em dois modelos aplicáveis, o primeiro modelo de classificação decimal de 0,000 a 0,900 com cores a ser usado à coleção infantojuvenil usado concomitantemente pela biblioteca com a CDD, CDU ou outro sistema classificatório ao acervo geral ou amplo.

O segundo modelo amplia a aplicação da CDF, atribuindo a classificação decimal da CDF sendo que a notação ao acervo adulto ou geral de 0,000 a 0,900 com cores (neste caso o uso das cores é optativo, porém recomendado), já para a coleção infantojuvenil emprega-se obrigatoriamente a anteposição da letra “i” antes de notação ficando da seguinte forma i0,000 a i0,900 com as cores padronizadas para cada superclasse e as suas respectivas subclasses, que serão descritas detidamente mais adiante.

O nosso projeto tem por essência ser um sistema classificatório inclusivo, podendo ser denominado de Classificação Decimal Inclusiva (CDI) a elaboração de um sistema classificatório decimal com o uso de cores distintas e padronizadas para as superclasses (classes gerais), em que cada subdivisão de cada superclasse em subclasses, deve manter a mesma cor, pois se trata de um sistema classificatório hierárquico que prevê cores de maneira hierárquica, de modo a otimizar o processo classificatório, a organização do acervo no espaço da biblioteca, bem como a uma rápida identificação do assunto mais genérico pela cor padronizada para cada assunto mais amplo e em suas subdivisões, as subclasses, cujo sistema foi pensado a princípio ao público leitor infantil e juvenil, portanto é inclusivo, embora a sua aplicação não se limite a este tipo de acervo e biblioteca.

O presente sistema classificatório decimal com uma estrutura decimal própria e distinta dos demais sistemas classificatórios decimais consagrados como a CDD e a CDU, sem copiar literalmente a numeração decimal matemática de outros sistemas classificatórios decimais consagrados, tendo como proposta uma classificação decimal inclusiva, adaptável e flexibilidade para aplicação em diversos tipos de coleções dos acervos bibliográficos.

Igualmente, contribui para a Ciência da Informação (CI) e bibliotecas ao atribuir um único e exclusivo número decimal às classes gerais e às respectivas subclasses para alcançar a desejada especificidade de cada item informacional que pode apresentar uma temática mais específica, a CDF é hierárquica, o sistema apresenta dez classes principais que abrange os assuntos mais genéricos do conhecimento humano, sem perder a essência ao prever o assunto mais genérico ao mais específico, facilitando deste modo a sua ordenação, localização, recuperação, arquivamento e um uso efetivo informacional.

Este sistema não se restringe a acervos infantojuvenis, ele vai além, pode ser empregado como um sistema classificatório complementar a um sistema classificatório já presente ao acervo geral, bem como pode ser utilizado totalmente a todas as coleções que uma biblioteca possua, como adicionar letras precedidas da notação da classificação da CDF mantendo uma cor padronizada e distinta para cada superclasse e das respectivas subdivisões em subclasses para distinguir cada tipo de coleção, por exemplo, adicionar a letra “i” de “infantil ou infantojuvenil” aos itens da coleção infantojuvenil, adicionar a letra “or” para “obras raras” para volumes de livros raros, adicionar a letra “oe” para “obras especiais” para volumes de livros especiais e assim por diante.

5 CLASSIFICAÇÃO DECIMAL DE FREIRE (CDF) COM CORES (DOIS MODELOS APLICÁVEIS): DE 0,000 A 0,900 E DE i0,000 a i0,900 COM CORES

Araújo e Souza (2012, p. 129) afirmam que há poucos estudos no que concerne a representação temática ou de adequação das classificações bibliográficas voltadas às bibliotecas

escolares e, menos ainda, quanto ao uso de cores. Os autores clarificam que a classificação em cores facilita os leitores a encontrarem as obras desejadas, pois as cores são uma das primeiras linguagens que as crianças aprendem quando pequenas.

Araújo e Souza (2012, p. 133) apontam que a classificação da informação com o auxílio das cores, pode ser uma importante alternativa no que se refere à organização dos itens informacionais nas estantes nos espaços destinados ao acervo infantojuvenil, ou seja, na organização nos livros no espaço físico das bibliotecas escolares.

Os autores asseveram que, pelo fato da classificação em cores possuir um caráter generalista nos assuntos, ao organizar os livros pelos assuntos mais genéricos, das superclasses, limita em certa medida encontrar um assunto mais específico nos subtemas da temática mais genérica, ou um livro mais específico alocado de forma mais geral pelas cores, dentro da divisão genérica. Seria necessário empregar as classificações decimais com seu nível detalhamento de subdivisões classificatórias hierárquicas.

O que os autores querem dizer com isso é que as cores são aplicadas somente às superclasses, o que limita a busca por assuntos mais específicos em subclasses as quais não são conferidas cores.

Ao analisarmos o estudo realizado por Silva, Caprioli e Carvalho (2024, p. 3) cujas bibliotecárias para justificar a utilização por meio da adaptação da superclasse 800 que é empregada ao tema Literatura na CDD ao aplicar esta superclasse, por vezes, com outro sentido, ao empregar uma única superclasse 800 da CDD para classificar todo o conhecimento produzido pela humanidade, incluindo a literatura infantojuvenil, o que parece contraditório, pois a própria CDD abarca todo o conhecimento produzido pela humanidade.

Diante do dilema do acesso, localização e uso da informação, elas fizeram a seguinte indagação:

E é nesse momento que o problema se apresentou: a Classificação usada em Bibliotecas Públicas Brasileiras para acervos infantis e juvenis supre as necessidades dos usuários, agrupando as obras de maneira simples e desejada, facilitando a locomoção e o encontro dessas obras de maneira autônoma? Como se sabe que a resposta é negativa, mediante observação na própria biblioteca, através das bibliotecárias atuantes, o objetivo proposto foi a adaptação da classe 800 da CDD para aperfeiçoar a utilização dos acervos infantil e juvenil (Caprioli, Carvalho e Souza, 2024, p. 3).

As bibliotecárias fizeram uma brilhante indagação do ponto de vista teórico e prático, ao questionar se os sistemas de classificação empregados pelas bibliotecas, que focam em reunir obras que tratam da mesma temática, se estes sistemas de classificação ajudam os pequenos leitores a encontrá-las de forma autônoma e independente. A percepção das bibliotecárias foi negativa, o que condiz da mesma maneira à nossa ótica.

Na prática, o projeto das bibliotecárias Silva, Caprioli e Carvalho (2024, p. 10-11), foi (re)utilizar uma classe da CDD ao realizar uma subdivisão da superclasse 800 que é conferida somente ao assunto Literatura, e que com as subdivisões da superclasse 800 condensaram toda a diversidade e amplitude do conhecimento humano dentro desta superclasse da CDD.

Exemplificando: a subdivisão 808 é designado por Dewey para o assunto Retórica e coleções de literatura. As profissionais bibliotecárias, fizeram a seguinte “reformulação adaptada” da CDD: 808.9 Generalidades; 808.91 Filosofia; 808.92 Religião; 808.93 Ciências Sociais; 808.94 Filologia (Linguagem); 808.95 Ciências Naturais; 808.96 Tecnologia (Ciências Aplicadas); 808.97 Artes; 808.98 Literatura e 808.99 Geografia e História.

As bibliotecárias se basearam e, utilizando a própria classificação bibliográfica decimal da CDD, no caso a superclasse 800 e suas subdivisões 808.9, 808.91, 808.92, 808.93, 808.94, 808.95, 808.96, 808.97, 808.98 e 808.99, para classificar e organizar todo o conhecimento produzido pela humanidade nesta subdivisão do sistema decimal. O número classificatório foi literalmente extraído de Mevil Dewey, e elas atribuíram o número da classificação decimal 800

que representa Literatura, e ao 808 e suas subdivisões ao assunto 808 Retórica e coleções de textos literários de mais de duas literaturas distintas, e os outorgou diversos assuntos, o que nos parece contraditório, estranho e inapropriado.

As ideias presentes no texto produzido pelas bibliotecárias nos fizeram pensar outros caminhos para solucionar tal desafio, com vistas à inclusão dos pequenos leitores em um ambiente informacional mais acessível, acolhedor e que promova a autonomia do pequeno leitor na biblioteca.

Mediante as leituras e apreciação dos trabalhos sobre esta temática, inclusive destas bibliotecárias, nos sentimos incentivados para elaborar um sistema classificatório decimal inédito e inovador, inspirado na CDD, todavia sem copiar e nem produzir literalmente a CDD, ou qualquer outro sistema classificatório decimal consagrado.

Diante do exposto, a nosso ver, seria viável criar um sistema classificatório decimal distinto da CDD em si, para tanto tivemos que nos desprender da estrutura pronta da CDD no sentido de adaptá-la, usar seus próprios códigos decimais, e nos voltar a criar uma estrutura semelhante à CDD, porém distinta, própria e logicamente inovadora.

Pensamos na criação de uma classificação decimal inclusiva, a Classificação Decimal de Freire (CDF), contudo com um sistema decimal diferente, cujo sistema aqui idealizado, podendo ser utilizado em paralelo à CDD já empregada em alguma biblioteca, por exemplo, ao utilizar a CDD para acervos adultos e a CDF com cores para acervos infantojuvenis.

Ou utilizar somente a CDF (0,000 a 0,900) ao acervo adulto ou geral, e adaptando a CDF com a anteposição na notação com a letra “i” de infantojuvenil para acervos infantojuvenis (i0,000 a i0,900) como será melhor detalhado mais adiante.

A partir desta inquietação resolvemos elaborar a CDF com atribuições de cores e, quiçá associar ícones e imagens para a classificação e organização de acervos infantojuvenis. É de suma relevância salientar que se trata de um estudo teórico, sem pretensões neste primeiro instante fazer uma aplicação empírica.

5.1 PRIMEIRO MODELO: CLASSIFICAÇÃO DECIMAL DE DEWEY – CDD DE 100 A 900 + CLASSIFICAÇÃO DECIMAL DE FREIRE – CDF DE 0,000 A 0,900

Em virtude do exposto por Araújo e Souza (2012), resolvemos desenvolver um projeto de classificação decimal inspirado na CDD, com um sistema numérico decimal próprio, sem ser uma mera reprodução ou uma cópia pura, ou um sub uso da CDD.

O presente sistema de classificação decimal foi denominado de Classificação Decimal de Freire (CDF), e pode ser compreendido como um Sistema de Classificação Decimal Informacional Híbrido (SCDIH) ou compreendida como uma Classificação Decimal Inclusiva e Adaptativa (CDI - A) que, sendo inspirado na CDD, permite a adoção de cores distintas e padronizadas para as superclasses, ou às classes dos assuntos mais genéricos do sistema classificatório a ser descrito, e se estendendo às subdivisões destas classes gerais.

A importância do sistema de classificação elaborado, adaptado e ilustrado para acervos infantojuvenis, reside na sua distinção do sistema de classificação da CDD, ao antepor na classificação decimal, o número 0 decimal, a seguir a vírgula e, depois, mais três dígitos numéricos 000, ficando assim (0,100), por exemplo, com a finalidade de organizar o conhecimento de coleções distintas, como as coleções infantojuvenis ao público leitor de faixa etária infantil e juvenil, distinta da do acervo adulto no espaço da biblioteca em questão.

A classificação proposta é formada por um sistema matemático também decimal, não obstante ao iniciar com o número 0 ajuda na organização de acervo específico, este último deve ser separado fisicamente do acervo de obras mais amplas. Muito embora a elaboração deste sistema classificatório com a estrutura numérica (número zero / vírgula / número decimal) para as classes mais genéricas foi primordialmente pensado para bibliotecas públicas, que contém acervos mistos, adulto e infantojuvenil.

O sistema de classificação decimal, “número-vírgula-número” (0,000 a 0,900), sendo um sistema também decimal, respalda para incluir uma classificação e tradução distinta de itens de outro tipo de acervo com características peculiares como a infantojuvenil ao acervo geral existente na biblioteca, caso haja a necessidade de separação física, cuja organização e ordenação sejam para fins de distinção dos itens de cada acervo, bem como para não misturar tipologias documentais distintas.

Logo adiante será mostrada a tabela com o modelo e exemplos. A vantagem deste sistema classificatório decimal é que ele pode ser adaptado e aplicado a diversos tipos de bibliotecas.

O Quadro 6 segue a estrutura geral da Classificação Decimal de Freire (CDF) proposta com as principais classes, ou as superclasses de 0,000 a 0,900 com cores:

Quadro 6 - Classificação Decimal de Freire (CDF) com cores

Classificação Decimal de Freire CDF	
0,000	Generalidades
0,100	(Filosofia, Autoajuda, Psicologia)
0,200	(Religião e Mitologia)
0,300	(Ciências Sociais e Cultura)
0,400	(Idiomas e Linguística)
0,500	(Ciências Puras)
0,600	(Ciências Aplicadas)
0,700	(Artes e Lazer)
0,800	(Literatura)
0,900	(História e Geografia)

Fonte: elaborado pelo autor (2026).

O sistema prevê a classificação nos mais diversos níveis e subníveis dentro da hierarquia de cada assunto mais amplo ou genérico das superclasses, ou do tema mais abrangente ao mais específico, conforme o nível de especificidade e complexidade do item a receber o tratamento técnico da representação temática, com a sua respectiva tradução dos termos e códigos do sistema classificatório decimal.

Partindo deste conceito matemático que nada mais é do que o intervalo, exemplificado pela expressão de 0 a 9, de 000 a 900, ou de 0,000 a 0,900. Ele é um intervalo numérico que possui infinitos valores (no caso de números reais) ou uma quantidade finita de números inteiros, e não somente um único elemento, é um conceito primordial na matemática que abarca uma infinidade de números.

O intervalo entres os números 0 e 9 da CDU, o intervalo de 000 a 900 da CDD, assim como o intervalo da CDF formulada nesta pesquisa entre 0,000 e 0,900 é infinito na matemática, possibilitando que o sistema de classificação se desenvolva em níveis e subníveis hierárquicos de forma infinita, isto é, sendo possível adicionar subtemas ao tema ou assunto mais amplo, imediatamente, hierárquica e infinitamente.

Para o objetivo de tradução da temática do conteúdo de um documento, através da análise conceitual e indexação, elaboramos um sistema de classificação decimal com a tradução da representação temática da seguinte forma (de 0,000 a 0,900) com cores, como foi descrito no Quadro 6.

Dentro de cada classe mais geral, representadas pelos códigos decimais 0,100 (Filosofia e Psicologia), por exemplo, existem infinitos números, cujas subdivisões se devidamente extraídas, poderão traduzir de forma eficaz as representações dos subtemas, que por uma questão didática mostraremos aqui o conjunto dos números para classificação mais genérica, as superclasses: 0,000; 0,100; 0,200; 0,300; 0,400; 0,500; 0,600; 0,700; 0,800 e 0,900.

Já para as classes mais específicas, por exemplo, partiremos da superclasse 0,800 que representa o assunto *Literatura*, as suas subdivisões 0,860 que representa o subtema *Literatura espanhola e hispânica*, que por sua vez pode ser subdivida mais uma vez para especificar com exatidão a sua posição temática na hierarquia do sistema de classificação decimal CDF, que neste caso é um livro, cujo subtema é *Romance Espanhol*, como o romance Dom Quixote de La Mancha, de Miguel de Cervantes, que é traduzido, representado pelo código de classificação e notação 0,863.3, essa notação difere da 863.3 da CDD, pois esta última não contempla a anteposição do número 0, (zero e vírgula) da CDF.

O bibliotecário classificador no momento da identificação do assunto de determinado item ao acervo infantil, deverá adotar uma cor distinta e padronizada ao assunto mais geral ou abrangente, as subdivisões do assunto geral devem adotar a mesma cor do assunto mais genérico, representado pelos números decimais classificatórios mais abrangentes da CDF, por exemplo: 0,000 (cor branca); 0,100 (amarelo); 0,200 (laranja); 0,300 (vermelho); 0,400 (rosa choque); 0,500 (verde); 0,600 (azul); 0,700 (roxo); 0,800 (cinza) e 0,900 (marrom); as cores das subdivisões ficam em conformidade à hierarquia com as cores atribuídas às superclasses da CDF.

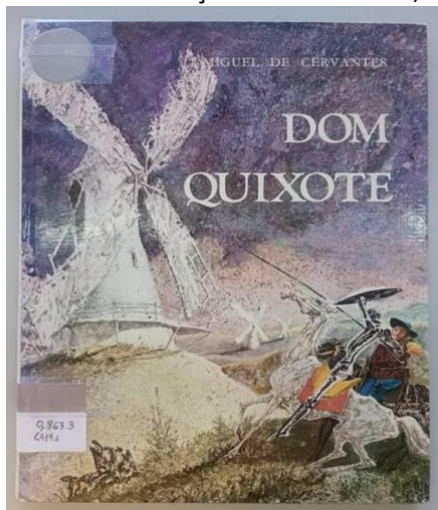
Conforme às necessidades dos usuários, ícones podem ser elaborados e adicionados às cores, caso haja leitores que tenham alguma dificuldade com as cores, por exemplo, utilizar o ícone de coração para o assunto amor em livros de literatura, utilizar o ícone árvore para o assunto meio ambiente e botânica, utilizar o ícone de fantasma para os assuntos de mistérios, utilizar o ícone de paleta, para pintura e máscaras para o assunto artes, e assim por diante.

Em relação as cores especificamente iremos retomar o exemplo anterior com o uso do sistema Classificação Decimal de Freire (CDF) com cores, o livro Dom Quixote de La Mancha da autoria de Miguel de Cervantes, seria classificado com a seguinte numeração geral, mais abrangente 0,800 (cor cinza), o número zero seguido de vírgula: 0, antes da “notação” da classificação decimal, com o intuito de distinguir os acervos dentro do espaço da biblioteca, a subdivisão 0,860 (Literatura de língua Espanhola e Portuguesa), e especificamente com a classificação 0,863 (o número 3 da classificação 863 é referente a ficção espanhola), portanto o livro Dom Quixote adaptado à linguagem infantil ficaria classificado com a seguinte notação 0,863.3, o ponto seguido de três .3 significa tempo ou época, que neste caso é romance no século XVI (1500–1599), e pôr fim é atribuído um sinalizador colorido com a mesma cor conferida a superclasse, preferencialmente na parte superior do livro na cor *cinza*, podendo ser colocado juntamente na lombada do livro.

Ícones poderão ser adicionados às cores facultativamente, caso alguns leitores apresentem dificuldades em distinguir cores, por exemplo, para literatura infantojuvenil referente ao assunto amor em uma literatura adicionar o ícone coração, para literatura referente monstros e fantasmas pode colocar o ícone de fantasma, para literatura referente ao meio ambiente, botânica e à natureza incluir o ícone árvore, e assim por diante.

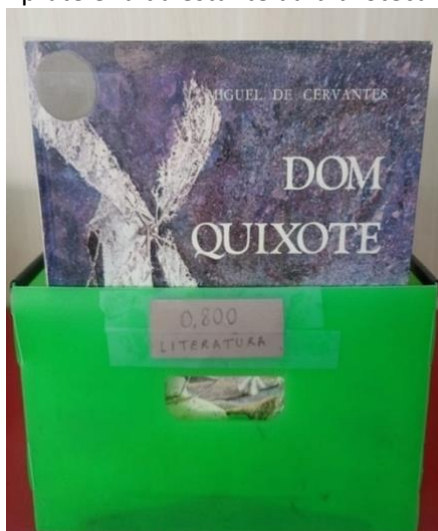
Seria de bom uso do bibliotecário classificador colocar a etiqueta com o número de classificação, a notação, na lombada do livro, e a cor escolhida para a classe geral deve constar acima da notação classificatória na parte superior da etiqueta, como também na parte superior do livro a uma melhor visualização, identificação e localização do livro pelo leitor, resultando na rápida recuperação da informação pelo consulente, bem ilustrado nas Figuras 1 e 2, a seguir:

Figura 1- Livro com a classificação decimal CDF 0,863.3 com cores



Fonte: elaborada pelo autor (2026).

Figura 2 - Livro com a classificação literatura da CDF na caixa da superclasse literatura na prateleira da estante da biblioteca



Fonte: elaborada pelo autor (2026).

Ademais, na entrada do espaço da biblioteca onde se encontram as estantes com o acervo infantojuvenil, deve constar a numeração decimal das superclasses da CDF, juntamente com a cor correspondente à cada classe mais genérica (as superclasses).

As prateleiras e estantes do acervo infantojuvenil, devem estar igualmente sinalizadas com as cores relacionadas às classes gerais as quais os documentos estão classificados dentro das subdivisões de cada superclasse hierarquicamente, demonstrados nas Figuras 1 e 2 do modelo proposto em conformidade com o número decimal da superclasse e a cor a ela atribuída, evidenciado no Quadro 6.

Itens informacionais disponíveis em ambiente digital ou virtual devem respeitar e apresentar da mesma forma a numeração decimal classificatória da CDF com a correspondente cor padronizada para cada superclasse e suas subdivisões em subclasses, a ser adotada tanto ao acervo físico como ao virtual.

5.2 SEGUNDO MODELO: CLASSIFICAÇÃO DECIMAL DE FREIRE – CDF DE 0,000 A 0,900 PARA ACERVO ADULTO GERAL, E DE i0,000 A i0,900 COM CORES PARA ACERVOS

INFANTOJUVENIS

É possível também usar apenas a Classificação Decimal de Freire (CDF) de forma inversa, isto é, para um acervo adulto atribuir a mesma estrutura da numeração classificatória decimal com cores da CDF, mencionadas dentro do espectro do sistema classificatório decimal de 0,000 a 0,900.

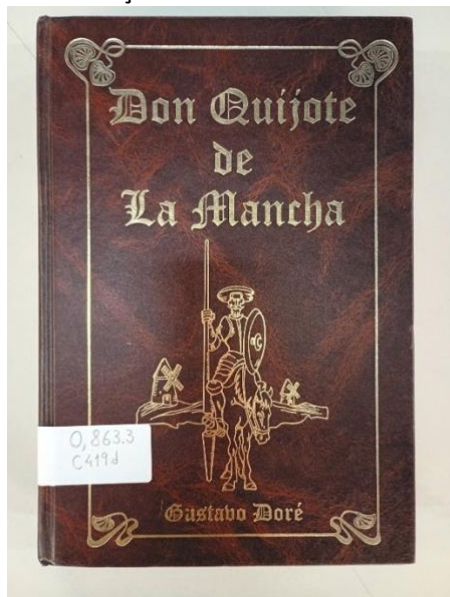
Como exemplificado acima, a CDF permite uma maior flexibilidade ao seu uso, conforme a complexidade e o tipo de coleção bibliográfica de uma biblioteca ou de uma rede de bibliotecas. Abaixo ilustraremos alguns exemplos de outras possibilidades de se utilizar a CDF ao mesmo tempo em acervos “híbridos”, ou com coleções distintas.

No acervo adulto pode-se adotar o sistema classificatório decimal da CDF de 0,000 a 0,900, e ao infantojuvenil acrescentar a letra “i” de infantojuvenil antes do código classificatório, ficando assim a notação a ser empregada i0,000 a i0,900 da CDF, adotando o mesmo esquema de cores distintas e padronizadas para casa superclasse e suas subclasses de forma hierárquica, conforme descrito nos Quadros 6 e 7 deste estudo acadêmico.

No exemplo abaixo mudaremos a forma de uso da classificação CDF, exemplificado com a temática da classificação 0,863.3 para o acervo adulto, bem como para inserir o número classificatório, a sua tradução em código classificatório, a notação na lombada do livro, que representa o assunto literatura espanhola, especificamente, de ficção espanhola, cujo título em língua espanhola é o famoso “Don Quijote de la mancha”, em português Dom Quixote de la mancha.

O uso de cores no acervo adulto é opcional neste segundo modelo, porém recomendado. Neste segundo modelo não adotamos o uso da cor no próprio livro, pode-se sinalizar as cores nas próprias prateleiras das estantes com a cor cinza, exemplificado na Figura 4 neste estudo.

Figura 3 - Livro com a Classificação Decimal de Freire no acervo adulto sem cores



Fonte: elaborada pelo autor (2026).

A seguir um exemplo de como a prateleira de uma estante deve ser sinalizada com o código classificatório com a cor correspondendo a superclasse, ou a classe mais geral, Literatura Espanhola:

Figura 4 - Livro na prateleira da estante de livros sinalizada



Fonte: elaborada pelo autor (2026).

Se o profissional da informação quiser utilizar apenas este sistema classificatório bibliográfico, poderá utilizar, todavia, deverá empregar de outra maneira a Classificação Decimal de Freire (CDF) de 0,000 a 0,900 e aplicá-la ao acervo adulto ou geral, sendo facultativo o uso de cores ao acervo adulto, mas recomenda-se sinalizar as estantes com as cores de cada superclasse para cada assunto mais geral, sendo, portanto, a sua aplicação plenamente possível, devido as possibilidades e propriedades flexíveis a qual foi conferida.

Para distinguir o acervo infantojuvenil dos volumes do acervo adulto, deve-se acrescentar obrigatoriamente a letra “i” aos itens informacionais antes ou anteposto ao código da classificação ou da notação no momento da classificação bibliográfica proposto pela CDF e imperativamente atribuir as cores padronizadas e distintas às superclasses ao acervo infantojuvenil, por exemplo do i0,000 a i0,900, ficando assim: i0,000 (cor branca); i0,100 (amarelo); i0,200 (laranja); i0,300 (vermelho); i0,400 (rosa choque); i0,500 (verde); i0,600 (azul); i0,700 (roxo); i0,800 (cinza) e i0,900 (marrom) como demonstrado no Quadro 7, a seguir:

Quadro 7- Classificação Decimal de Freire sistema de classificação decimal número/vírgula/número-notação da classificação mais geral com cores)

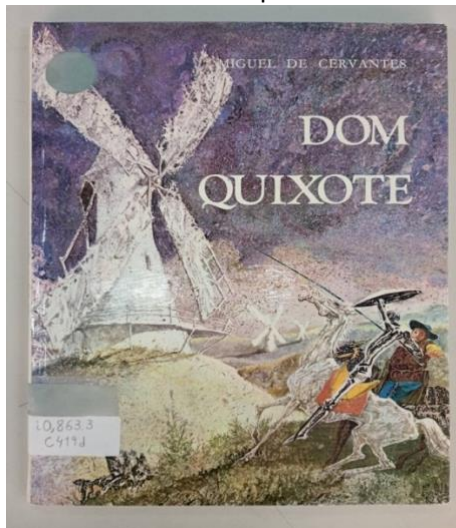
Classificação Decimal de Freire CDF	
i0,000	Generalidades
i0,100	(Filosofia, Autoajuda, Psicologia)
i0,200	(Religião e Mitologia)
i0,300	(Ciências Sociais e Cultura)
i0,400	(Idiomas e Linguística)
i0,500	(Ciências Puras)
i0,600	(Ciências Aplicadas)
i0,700	(Artes e Lazer)
i0,800	(Literatura)
i0,900	(História e Geografia)

Fonte: elaborado pelo autor (2026).

A seguir fizemos uma adaptação do nosso próprio sistema da CDF para o acervo infantojuvenil, cuja classificação bibliográfica é precedida com a letra “i” de “infantojuvenil” que deve ser colocado antes do número 0, (zero e vírgula). É imprescindível a atribuição de cores padronizadas e distintas para cada superclasse e para suas respectivas subdivisões em subclasses para a coleção infantojuvenil.

Por exemplo: O mesmo assunto literatura espanhola, “Dom Quixote de la mancha” em uma coleção “infantojuvenil” ficaria com o seguinte código classificatório i0,863.3, mantendo a cor cinza para a identificação da subclasse do livro mencionado, romance espanhol, e da sua, respectiva superclasse Literatura 0,800.

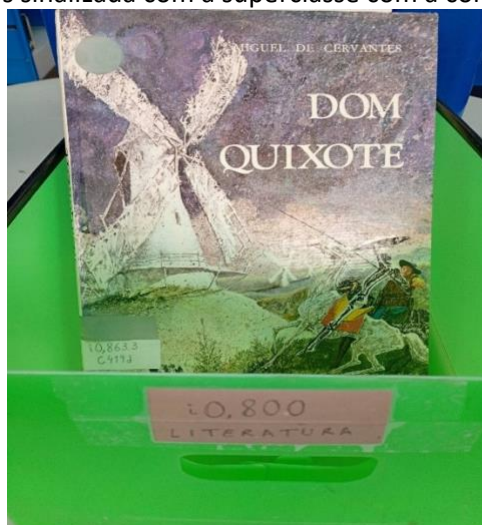
Figura 5 - Livro com a CDF com cor precedida da letra “i” - i0,863.3



Fonte: elaborada pelo autor (2026).

A seguir podemos ver que o livro “Dom Quixote de la mancha”, deve ficar dentro da caixa e prateleira destinada à superclasse, classe mais genérica, literatura, nada obstante, ordenada dentro da subclasse ficção espanhola, com a mesma cor cinza sinalizadora.

Figura 6 - Livro com a CDF precedidos com a letra “i” com cores dentro da caixa na prateleira da estante de livros sinalizada com a superclasse com a cor cinza



Fonte: elaborada pelo autor (2026).

Recomenda-se que, no espaço destinado para cada tipo de acervo em todas as estantes na parte lateral, seja colocada de forma impressa a classificação bibliográfica completa apresentada nos Quadros 6 e 7, como maneira de orientar e promover a autonomia do leitor no espaço da biblioteca.

A sinalização completa facilitará ao leitor a encontrar a informação (assunto) de um item nas estantes com a respetiva numeração classificatória, juntamente com as cores predefinidas e padronizadas atribuídas a elas, como segundo modelo proposto, utilizando a CDF para o acervo adulto, bem como a CDF com a atribuição do “i” anteposto ao código classificatório, a notação, para acervos infantojuvenis como foi mostrado no Quadro 7.

Estes dois modelos de emprego da CDF, examinados no presente estudo acadêmico, inova não apenas como um sistema classificatório decimal, a sua relevância reside no seu poder de abarcar várias funcionalidades e aplicações aos acervos complexos, em especial de bibliotecas públicas, bibliotecas escolares, bibliotecas infantis, bibliotecas privadas, bibliotecas especializadas e assim por diante.

6 DISCUSSÕES

Almeida e Dias (2023, p. 2) alegam que a Ciência da Informação (CI) analisa a informação enquanto objeto de estudo. Contudo, a informação é inerente às demais ciências, desta maneira, investiga diferentes aspectos e abrangências, em decorrência disso, a CI possui em sua essência a sua qualidade multidisciplinar.

Moreira (2025, p. 5) reflete que a CI, a partir de uma perspectiva ampla, é caracterizada pela interdisciplinaridade, que é um processo que aspira à busca da unidade do saber, especialmente o saber científico, igualmente a busca de respostas para a resolução de problemas, ou para investigar um tema que é muito vasto ou complexo para ser tratado de forma apropriada por uma única disciplina ou profissão, buscando maior espectro compreensivo do problema em outras áreas conhecimento humano.

Para Moreira (2025) a CI, por meio da interdisciplinaridade, se transfigura em uma ciência híbrida, multialógica e zigomática, em outras palavras, a CI é ligada aos mais variados e diversos contextos interdisciplinares e informacionais, sustentando-se aberta de acordo com a necessidade de cada área, de forma interativa, cooperativa e colaborativa, e acrescenta:

O domínio da informação, que era inicialmente protagonizado pela Biblioteconomia e Documentação, passa a ser desempenhado também por outras ciências e profissões, como a Ciência da Computação, Tecnologia da Informação e Ciências Sociais Aplicadas. Assim, o protagonismo abarca não somente outras áreas do conhecimento, como também indivíduos e sociedade passam a ter um lugar de destaque como produtores, processadores e disseminadores de informação. De fato, a informação se tornou a grande riqueza atual, e a compreensão de sua natureza interdisciplinar é necessária, a fim de que seja possível encontrar respostas para problemas localizados em campos diversos (Moreira, 2025, p. 5).

Nunes e Tálamo (2009, p. 43) ressaltam que se percebe de forma nítida, que com o passar do tempo, os sistemas de classificações tornaram-se limitadas, e os leitores que buscam uma informação, a almejam de forma rápida, eficaz e com a precisão necessária. Diante de tal problema as teóricas explicitam que:

Os classificadores, passíveis de falhas, precisam acompanhar essa insatisfação ao buscarem nova qualidade de classificação, possivelmente baseada na ajuda mútua entre as pessoas da comunidade que vivem, ao integrar a sociedade científica com a sociedade comum. Ao partir da premissa de que o homem não trabalha sozinho, ele deve recorrer aos semelhantes para descobrir; modificar; obter; atingir; influenciar e

produzir conhecimento. Precisa do conhecimento para gerir a si próprio e aos outros, para habilitar-se compreender e transmitir idéias e conduzir ao entendimento (Nunes; Tálamo, 2009, p. 43).

Como a linguagem do consulente pode divergir da linguagem do sistema, a informação de que o pesquisador necessita deve ser indicada com exatidão, para a concretização da recuperação da informação, englobando as características, as significações, os modelos mentais e os conteúdos abordados.

A vantagem da Classificação Decimal de Freire se dá pela sua propriedade flexível, adaptável, complementar e de inovação para classificação de qualquer tipo de acervo documental e informacional.

Por já existir sistemas de classificação decimais consagrados como a CDD e a CDU, amplamente empregados nas bibliotecas ao redor do planeta, a relevância da Classificação Decimal de Freire, reside que a sua representação temática com a tradução e notação classificatória com a numeração precedida pelo número zero vírgula número (0,000), auxilia a não confundir com os livros classificados pelos sistemas de classificação CDD e CDU, por exemplo, que começam sem o zero, por exemplo: 100 na CDD e 1 na CDU, que representam o assunto Filosofia, respectivamente.

Logo, com o sistema classificatório decimal da CDF aqui idealizado por nós, o assunto Filosofia ficaria com a seguinte notação 0,100; com exceção para a classificação 0,000 que é Generalidades, que iria coincidir em certa medida com a CDD e CDU, porém a vírgula no sistema CDF dirimiria este problema.

O segundo modelo proposto nesta pesquisa, foca no uso exclusivo da CDF, sendo que o sistema de códigos de 0,000 a 0,900 ilustrado no Quadro 6, deve ser empregado ao acervo adulto, e o sistema de códigos de i0,000 a i0,900 precedidos da letra “i” com cores, como bem ilustrado no Quadro 7, deve ser empregado em acervos infantojuvenis, ou em coleções “híbridas”, ou melhor, em coleções distintas e que possuem peculiaridades e complexidades a serem levadas em consideração.

O presente sistema de classificação decimal híbrido “número-vírgula-números e cor”, possui um potencial enorme em respaldar o serviço de tratamento informacional bem como na organização dos livros no espaço destinados exclusivamente ao público infantojuvenil ou escolar, especialmente em bibliotecas públicas, em que muitas vezes apresentam tanto um acervo bibliográfico e digital composto por assuntos para o público leitor adulto, assim como um acervo infantojuvenil, repleto de peculiaridades ao público leitor em fase escolar, que também tem necessidades informacionais e habilidades distintas das dos adultos.

O sistema proposto pela CDF oferece propriedades semelhantes ao sistema de classificação da CDD, por ser uma classificação de base decimal, igualmente a CDD e CDU, porém cuja proposta inicial da CDF é de servir como um sistema classificatório complementar com a finalidade de aplicá-lo em acervos mistos, podendo ser utilizada não somente em bibliotecas públicas e escolares, como também em outros tipos de bibliotecas que possuam uma diversidade de acervos para ordená-los adequadamente no espaço da biblioteca.

Este estudo trata de uma proposta ou um projeto de uma classificação decimal que contempla algumas adaptações e flexibilidade para o tratamento da informação, organização do conhecimento e organização de acervos bibliográficos distintos, visando a suprir as deficiências e fraquezas das classificações bibliográficas existentes. Portanto, é um projeto cuja aplicação está em pleno desenvolvimento, entretanto exige um longo tempo de trabalho ao desenvolvimento das subdivisões e criação de subclasses de maneira perene.

A CDF, como já mencionado, pode ser utilizada de modo mais amplo, contando com a criatividade do bibliotecário classificador, podendo utilizá-la no acervo geral e adaptá-la com a anteposição de letras para coleções específicas ou especiais, por exemplo antepor a letra “i” de “infantojuvenil” para coleções infantojuvenis, a letra “i” deve obrigatoriamente ficar

imediatamente antes do número da notação e mantendo as cores padronizadas e distintas das 10 superclasses principais da CDF.

Outros exemplos de aplicação da CDF é antepor o conjunto de letras “or” de “obras raras” para volumes compostos por obras raras antes da notação da CDF. Outro exemplo é antepor o conjunto de letras “oe” para “obras especiais”, cujos volumes são compostos por obras especiais antes da notação da CDF. Ou ainda antepor a letra “lr” para “livros de referência” antes da notação da CDF para itens e livros que não circulam, aquelas obras que não há empréstimos, somente consulta local como dicionários, enciclopédias, mapas etc., todos estes exemplos foram apenas para mostrar a flexibilidade da amplitude proporcionada e proposta pela CDF.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conformidade com o pensamento de Araújo e Souza, em sua experiência a utilização das cores para adaptação da organização do acervo infantojuvenil possui limitações, a sua aplicabilidade é eficaz para a organização da biblioteca nos assuntos mais abrangentes previstos nos sistemas de classificação decimal, pois no caso por eles experimentados, servem mais para organizar, buscar, localizar e recuperar a informação, somente dos assuntos mais genéricos (superclasses).

Já nas subdivisões em subclasses é que a Classificação Decimal de Freire alcançará a precisão informacional que a especificidade da classificação mais específica exige, atendendo a uma solicitação informacional mais específica, que requer uma classificação em níveis mais aprofundados em subclasses de dado sistema de classificação, nestas subdivisões de assunto da classe principal é obrigatório manter a mesma cor da superclasse, a classe geral.

Esta pesquisa não possui a pretensão de esgotar a discussão sobre esta temática, porém pode ser um marco para se repensar as teorias e métodos de classificação e de organização da informação, com a criação de sistemas classificatórios próprios e inovadores, não se restringindo às “cópias” ou sub usos de sistemas classificatórios já consagrados, levando em conta as tipologias e complexidades de bibliotecas.

O sistema de Classificação Decimal de Freire (CDF) é um projeto cuja estrutura classificatória decimal como qualquer outra classificação decimal está em processo de desenvolvimento, conforme o desenvolvimento e evolução do conhecimento humano e novas demandas.

Além do *blog* da CDF encontrar-se disponível nas referências deste estudo, pretende-se elaborar um guia ou um manual de uso do sistema classificatório de cunho inclusivo, pois visa contemplar a facilitação do acesso e uso da informação, que só pode se efetivar por uma organização do conhecimento que contemple as peculiaridades dos acervos, complexidade das coleções e volumes, tipos de leitores contemplados em cada coleção, e assim por diante.

Futuramente, pretende-se realizar estudos empíricos da CDF com cores em acervos mistos de bibliotecas, podendo ser em bibliotecas públicas, bibliotecas escolares, bibliotecas particulares com acervo misto ou complexo, bem como em outros dispositivos informacionais que tiverem interesse neste sistema de classificação decimal sem custos, com vistas a concretizar a sua aplicabilidade como um sistema de classificação inclusivo, flexível, adaptável, amigável e simples para bibliotecários que organizam bibliotecas particulares, bibliotecas públicas, bibliotecas escolares, etc.

Igualmente pretende-se agregar tecnologias como a elaboração de catálogos online para busca de informações, prever a interoperabilidade, inserir termos inclusivos ao desenvolvimento da CDF para grupos sociais mais vulneráveis, e assim por diante,

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Professor Doutor Gabriel César Dias Lopes pesquisador da Logos University International – UNILOGOS (Paris, França), por ter me iniciado, incentivado e me respaldado a ingressar no universo da produção científica e acadêmica nos mais variados campos do saber humano.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Lucelia da Silva; DIAS, Thiago Magela Rodrigues. Informação como objeto de investigação da ciência da informação. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB, 23.*, Aracaju, Segipe, 06 a 10 de novembro de 2023. Disponível em: <https://cip.brapci.inf.br/download/258036>. Acesso em: 15 abril 2026.

ANDRADE, Lucas Veras de; BRUNA, Dayane; SALES, Wesleyne Nunes de. **Biblos: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, v. 25, n.2, p.31-42, jul./dez. 2011.

ARANALDE, Michel Maya. Reflexões sobre os sistemas categoriais de Aristóteles, Kant e Ranganathan. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 38, n. 1, p. 86-108, jan./abr. 2009.

ARAÚJO, Beatriz Cristiane de; MENDES, Cíntia. Classificação infantojuvenil: as seções da Biblioteca Rubem Braga. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, [S. l.], v. 13, p. 761–772, 2017. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/923>. Acesso em: 17 maio. 2026.

ARAÚJO, Francisco de Assis Noberto Galdino de; SOUZA, Jacqueline. Classificação bibliográfica com o auxílio de cores para bibliotecas escolares. **Páginas a&b**, v.2, n.10, p. 119-138, 2012. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/paginasueb/article/view/586/560>. Acesso em: 08 dez. 2025.

ARISTÓTELES. **Categorias**. São Paulo: Edipro, 2020

CALDAS, Rosângela Formentini; SILVA, Rafaela Carolina da. **Bibliotecas e Hibridez [online]**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020, 200 p. ISBN: 978-65-86546-88-0. Available from: <https://books.scielo.org/id/9srbid>. <https://doi.org/10.36311/2020.978-65-86546-88-0>.

CLASSIFICAÇÃO DECIMAL DE FREIRE (CDF) COM CORES: SISTEMA DE CLASSIFICAÇÃO DECIMAL INFORMACIONAL HÍBRIDA (SCDIH). Disponível em: <https://classificacaodecimaldefreire.blogspot.com/2026/04/classificacao-decimal-de-freire-cdf.html>. Acesso em: 07 dez. 2025.

CLASSIFICATION Decimal Dewey – CDD: comentadada. Tradução Rogério de P´aula. 23. ed. Bahia: [S. n.], 2021. Disponível em: <https://www2.uesb.br/biblioteca/wp-content/uploads/2023/09/CDD-CLASSIFICATION-DECIMAL-DEWELL-23-EDI%C3%87%C3%83O-TRADUZIDA-E-COMPLETA.pdf>

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico nova fronteira da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.

HJØRLAND, Birger. Dewey Decimal Classification (DDC). **Em Questão**, Porto Alegre, v. 31, e-145068, 2025. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/145068/95324>. Acesso em: 09 dez. 2025.

LANCASTER, Frederick Wilfrid. **Indexação e resumo**: teoria e prática. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2004. Disponível em: <https://bibliotextos.wordpress.com/wp-content/uploads/2014/07/livro-indexac3a7c3a3o-e-resumos-teoria-e-prc3a1tica-lancaster.pdf>. Acesso em: 08 dez 2025.

LESSA, Bruna. Biblioteca pública como um espaço híbrido e multiterritorial. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v.25, n.3, p. 555-570, ago./dez., 2020. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1679/pdf>. Acesso em: 16 maio 2026.

MELNYK, Bridget. Adapting public library knowledge organisation for diverse communities. *Pathfinder*. **Canadian Journal for Information Science Students and Early Career Professionals**, v.5, n.1, p. 102-120, 2025. <https://doi.org/10.29173/pathfinder119> Disponível em: <https://pathfinderjournal.ca/index.php/pathfinder/article/view/119/72>. Acesso em: 17 maio 2026.

MONTEIRO, Andréia Vieira; MEDEIROS, Marcela Neves de; FERNANDES Maria Cristina Pfeiffer; CAVALCANTE, Maíse de Sá. Estratégias para a implantação de bibliotecas híbridas como apoio à aprendizagem semipresencial de cursos a distância. **Inf.Inf.**, Londrina, v.11, n.2, 2006. Disponível em: https://www.pergamum.pucpr.br/trabs/Bibli_hbridas.pdf. Acesso em: 16 de maio de 2026.

MOREIRA, Luciane Novais; et al. Ciência da informação: uma abordagem conceitual e interdisciplinar. **Brazilian Journal of Information Science**, v. 19, n., 2025.

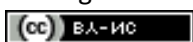
NUNES, Leiva; TÁLAMO, Maria de Fátima Gonçalves Moreira. Da filosofia da classificação a classificação bibliográfica. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, SP, v.7, n.2, p. 30-48, 2009. DOI: 10.20396/rdbci.v7i1.1973. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1973>. Acesso em: 14 mar. 2026.

PINHEIRO, Maria Inês da Silva. **Guia prático sobre classificação em cores para bibliotecas escolares e infantil**. 2ª ed. Rondonópolis: [S.n.], 2021. Disponível em: <https://biblioteca.ufr.edu.br/pergamumweb/vinculos/000039/00003901.pdf>. Acesso em: 31 de maio 2026

RANGANATHAN, Shiyali Ramamrita. **The Five Laws of Library Science**. New Delhi: Asia Publishing House: Digital Library Of India, 1963. Disponível em: <https://archive.org/details/in.ernet.dli.2015.283188/page/n3/mode/2up>. Acesso em: 07 dez. 2025.

RÓNAI, Paulo. **Dicionário universal**: novas fronteiras. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

RUBI, Milena Polsinelli. Os princípios da política de indexação na análise de assunto para catalogação: especificidade, exaustividade, revocação e precisão na perspectiva dos catalogadores e usuários. *In*: FUJITA, MSL., (Org., et al.) **A indexação de livros**: a percepção de



catalogadores e usuários de bibliotecas universitárias. Um estudo de observação do contexto sociocognitivo com protocolos verbais [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/wcvbc/pdf/boccatto-9788579830150-06.pdf>. Acesso em: 08 dez. 2025.

SALES, Rodrigo de. A Classificação de Livros de William Torrey Harris: influências de Bacon e Hegel nas classificações de biblioteca. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, v. 22, n.50, p. 188-204, set./dez., 2017. ISSN 1518-2924. DOI:10.5007/1518-2924.2017v22n50p188

SANTOS, Josiel Machado. O Processo Evolutivo das Bibliotecas da Antiguidade ao Renascimento. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**. São Paulo, v.8, n.2, p. 175-189, jul./dez. 2012.

SILVA, Maria dos Remédios da; FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. A prática de indexação: análise da evolução das tendências teóricas e metodológicas. **Transinformação**, Campinas, v.16, n.2, p. 133-161, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tinf/a/cNngvqQdWfBGrJtLSdLRKnP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 08 dez. 2025.

SILVA, Patrícia Bernardes da; CAPRIOLI, Mariana da Silva; CARVALHO, Alessandra de Cássia Montisseli de. Adaptação da Classificação Decimal de Dewey para o acervo infantojuvenil da Biblioteca Municipal de Marília “João Mesquita Valença”: uma experiência bem-sucedida. **Biblioteca Escolar em Revista - USP**, São Paulo, Brasil, v. 10, p. e-225950, 2024. DOI: [10.11606/issn.2238-5894.berev.2024.225950](https://doi.org/10.11606/issn.2238-5894.berev.2024.225950). Disponível em: <https://revistas.usp.br/berev/article/view/225950>. Acesso em: 13 abr. 2026.

SILVA, Rafaela Carolina da; CALDAS, Rosângela Formentini. Bibliotecas híbridas e o desenvolvimento das sociedades. **Rev. Digit. Bibl. Cienc. Inf.**, v..20, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rdbci/a/TPBng3sZTSJrmnJnKXQDtVs/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 16 maio 2026.

SOUZA, Willian Eduardo Righini de. A constituição do espaço público e o perfil democrático das bibliotecas. **InCID**: R. Ci. Inf. e Doc., Ribeirão Preto, v. 11, n. 1, p. 191-212, mar./ago. 2020. Disponível em: https://revistas.usp.br/incid/pt_BR/article/view/163549/163518. Acesso em: 13 abril de 2026.

TERRA, Ana Lúcia; FUJITA, Mariângela LACRUZ; Maria del Carmen Agustín. **Knowl. Org.** v.43, n.4, p. 279-284, 2016 Disponível em: https://zaguan.unizar.es/record/56703/files/texto_completo.pdf. Acesso em: 17 maio 2026.

VARÃO, Adriana Luiza de Sousa; OLIVEIRA, Márcia de Arêa Leão. A história das classificações bibliográficas: um estudo das principais notações - CDD, CDU, LC e Ranganathan. *In*: CONGRESSO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 30., Recife. 25 a 29 de novembro de 2024, Recife, Pernambuco, Brasil, 2024. Disponível em: <https://portal.febab.org.br/cbbd2024/article/view/3157/3249>. Acesso em: 09 dez. 2025.